

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2025

Racismo ambiental e violência: a distribuição espacial e desigual dos feminicídios segundo raça/cor na capital da Bahia

Íris Nascimento Freitas; Felipe Souza Dreger Nery²

1. Íris Nascimento Freitas, PIBIC/UEFS, ENFERMAGEM, e-mail: irisnfreitas@gmail.com
2. Felipe Souza Dreger Nery, DEPARTAMENTO DE SAÚDE, e-mail: fsdnery@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Feminicídio; Racismo Ambiental; Epidemiologia.

INTRODUÇÃO

O racismo ambiental, conceito associado à ecologia política, justiça ambiental e estudos das ciências humanas, evidencia contradições territoriais a partir de debates sobre etnicidade (Filgueira, 2021). Define-se como um processo em que determinadas comunidades não são igualmente beneficiadas pela legislação ambiental, sendo expostas de forma desproporcional à poluição, resíduos tóxicos e indústrias poluentes (Bullard, 1996). No Brasil, manifesta-se sobretudo pelas incursões do capitalismo e pela negligência estatal em relação a povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos e à população negra em geral (Filgueira, 2021), revelando a negação de direitos socioespaciais a grupos historicamente vulnerabilizados.

Esse fenômeno está ancorado em injustiças sociais e ambientais que se traduzem em segregação espacial e em desigualdade nas condições de vida (Filgueira, 2021). Nas grandes cidades, tais desigualdades relacionam-se também à violência letal: a distribuição desigual de mortes por homicídio reflete processos sociais estruturais, sendo expressão direta do racismo ambiental (Ruatti, Massa e Peres, 2011).

Nesse contexto, torna-se relevante investigar a espacialização do feminicídio em Salvador, considerando a variável raça/cor. A concentração da violência contra mulheres, especialmente negras, em determinados territórios da cidade, sugere que a associação entre racismo ambiental e feminicídio é fundamental para compreender a produção de desigualdades e orientar políticas públicas voltadas ao enfrentamento dessas violências.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA

O estudo analisou 744 homicídios de mulheres, incluindo feminicídios, ocorridos em Salvador entre 2016 e 2024. A variável raça/cor esteve preenchida em apenas 77 registros (10,35%), todos entre 2017 e 2022, sendo as vítimas negras classificadas pela Polícia Civil da Bahia como “melanoderma” ou “faioderma”. As taxas anuais de homicídio foram calculadas por prefeitura-bairro a partir da população feminina estimada pelo Censo de 2022 (IBGE), e também foram produzidas taxas específicas de feminicídio por raça/cor para o período com dados disponíveis.

A análise temporal utilizou o modelo de regressão Joinpoint para identificar tendências (crescentes, estacionárias ou decrescentes), estimando a Variação Percentual Anual (VPA) e a Variação Média Percentual Anual (VMPA). Devido à baixa frequência de registros, não foi possível aplicar esse método às taxas por raça/cor.

Além disso, conduziu-se uma Análise Exploratória Espacial das taxas médias de homicídio (2016–2024) e de feminicídio por raça/cor (2017–2022). Para isso, empregaram-se o QGIS 3.36 (representação cartográfica com método de Jenks) e o GeoDA 1.22.0.4 (análise espacial). Calcularam-se os Índices de Moran Global e Local,

utilizando matriz de contiguidade Queen, a fim de identificar autocorrelação espacial e clusters do tipo alto-alto, baixo-baixo, alto-baixo e baixo-alto. Todas as análises foram realizadas com nível de significância de $p < 0,05$.

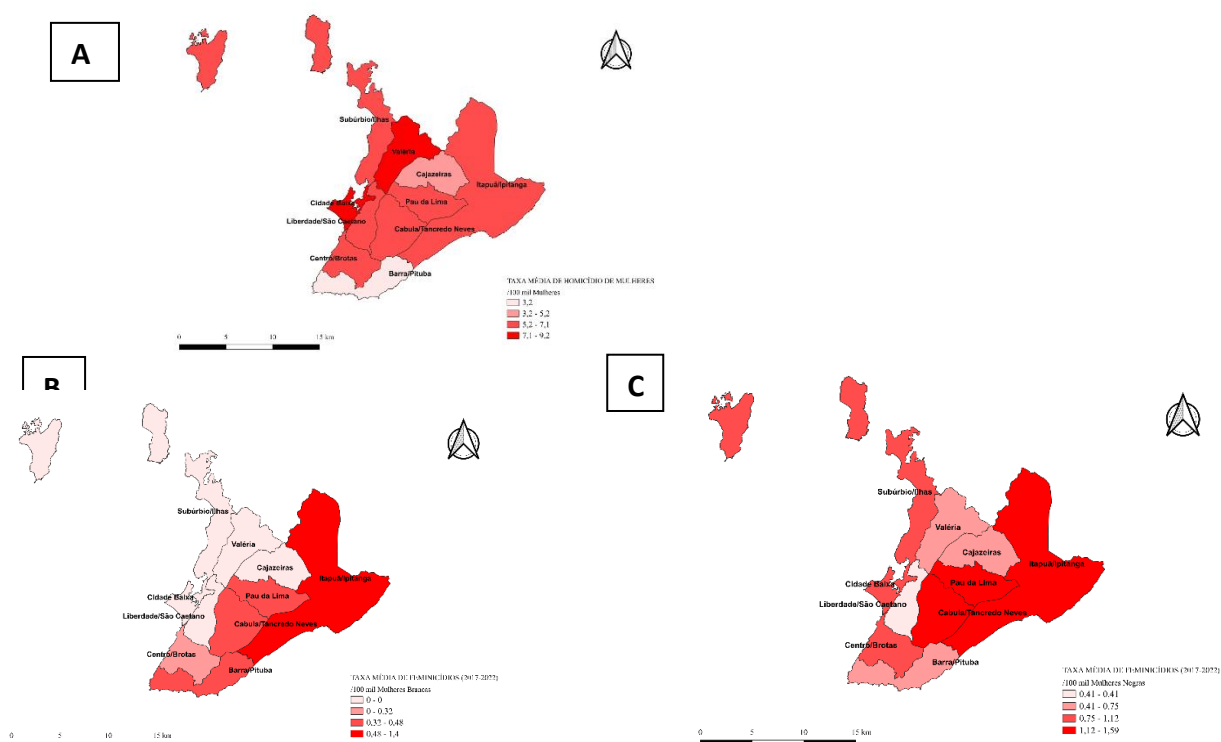
RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

A análise dos feminicídios em Salvador entre 2016 e 2024, a partir dos registros da Polícia Civil da Bahia, revela forte subnotificação de variáveis essenciais: raça/cor (10,3%), estado civil (16%) e ocupação (9,5%). Mesmo com limitações, os dados disponíveis indicam um perfil majoritário de vítimas negras (pardas e pretas), solteiras (85,7% entre os casos com informação) e inseridas em contextos de vulnerabilidade socioeconômica, sobretudo em ocupações informais ou precárias como donas de casa, desempregadas e trabalhadoras do setor de serviços.

A distribuição territorial mostra acentuada desigualdade: Valéria e Cidade Baixa apresentam as maiores taxas, enquanto Barra/Pituba registra os menores índices. A disparidade racial é marcante — em metade das regiões não houve registros de feminicídios de mulheres brancas, e em Brotas o risco para negras foi 219% superior. Temporalmente, apenas a Cidade Baixa apresentou tendência crescente significativa: entre 2016 e 2018, houve um aumento de 81,1% ao ano, seguido de estabilização. As demais regiões permaneceram com taxas estacionárias.

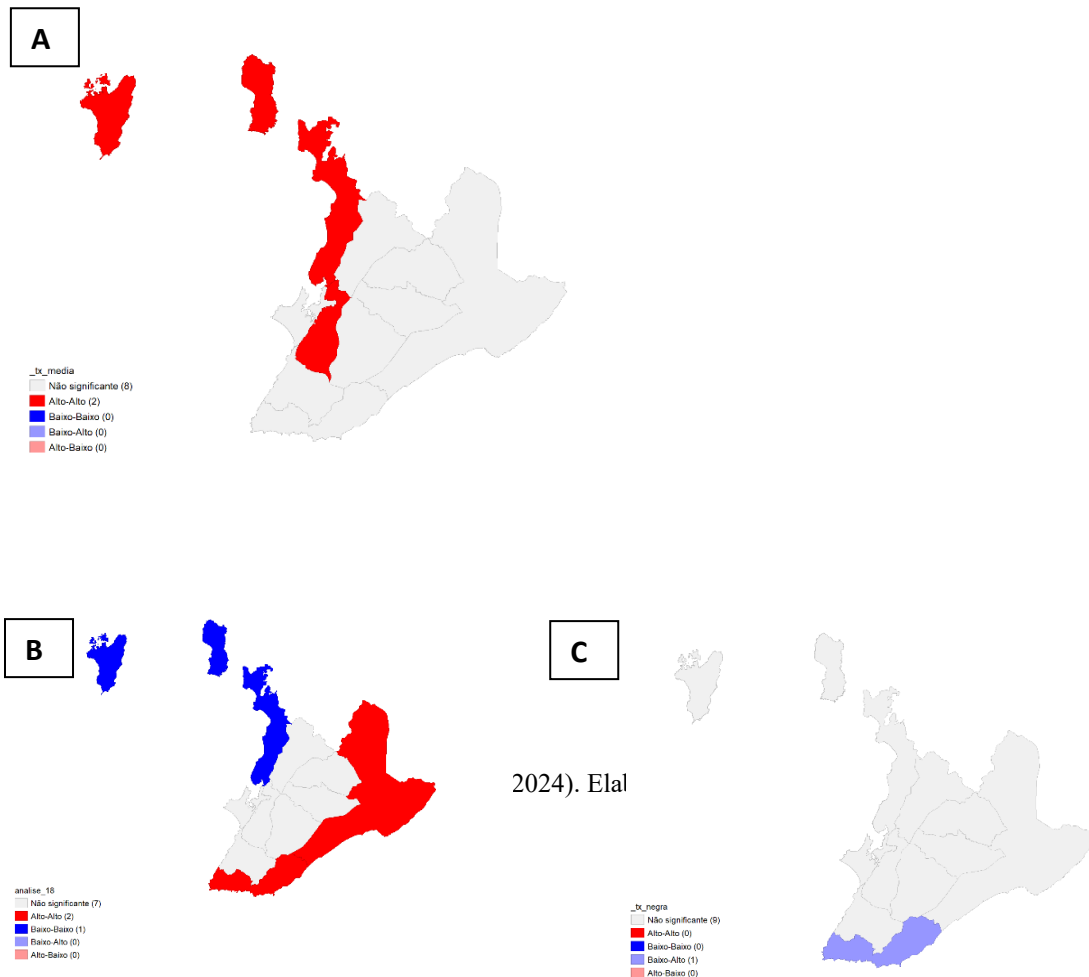
Na análise espacial, as taxas médias de homicídios de mulheres (2016–2024) e de feminicídios por raça/cor (2017–2022) não apresentaram correlação global significativa (Moran = 0,031 para homicídios, 0,158 para feminicídios de brancas e $-0,187$ para negras). Contudo, em escala local foram identificados dois clusters alto-alto (Subúrbio/Ilhas e Liberdade/São Caetano), confirmando concentrações territoriais críticas da violência (Figuras 1a, 2b, 3c)

Figura 1 – Distribuição espacial das taxas de homicídios (a) e feminicídios segundo raça/cor branca (b) e negra (c), prefeituras-bairros de Salvador, Bahia, Brasil, 2016-2024.



Fonte: Polícia Civil do Estado da Bahia (2016-2024). Elaboração dos autores (2025).

Figura 2 – Distribuição espacial das taxas de homicídios ocorridos entre 2016 a 2024 (a) e feminicídios ocorridos entre 2017 a 2022 segundo raça/cor branca (b) e negra (c), prefeituras-bairros de Salvador, Bahia, Brasil, 2016-2024.



Fonte: Polícia Civil do Estado da Bahia (2016-2024). Elaboração dos autores (2025).

Em relação as taxas médias de feminicídio pra as mulheres brancas, se identificou três *clusters*, sendo um do tipo alto-alto (Barra/Pituba) e dois do tipo baixo-baixo (Subúrbio/Ilhas e Liberdade/São Caetano) (Figura 2b). Para as mulheres negras, apenas um *cluster* foi observado, do tipo baixo-alto (Barra/Pituba) (Figura 2c).

A análise dos feminicídios em Salvador entre 2016 e 2024 revela três dimensões centrais e interligadas: desigualdade territorial, disparidade racial e vulnerabilidade socioeconômica das vítimas, refletindo a noção de interseccionalidade (Crenshaw, apud Dias *et al.*, 2025) e a compreensão do espaço urbano como produtor de violências (Hirata, 2014; Gomes *et al.*, 2021). As prefeituras-bairros de Valéria e Cidade Baixa apresentam as maiores taxas médias de homicídios de mulheres — com destaque para 16,99 em Valéria (2020) e 16,13 em Cidade Baixa (2019) — enquanto a Barra/Pituba, área de maior padrão socioeconômico, registra os índices mais baixos. Essa disparidade territorial reflete a segregação socioespacial historicamente constituída em Salvador (Gomes *et al.*, 2021), onde periferias carecem de serviços e infraestrutura, como observa Dantas (2022).

A análise por raça/cor evidencia a violência racializada: em metade das regiões não há registros de feminicídios de mulheres brancas, enquanto mulheres negras são vítimas em todas as áreas. Em Brotas, a razão de taxas chega a 3,19, indicando risco 219% maior para negras. A subnotificação da variável raça/cor (presente em apenas 10,35% dos

registros) é, por si só, sintomática da invisibilização dessas mulheres (Jesus, 2020). Já os dados de ocupação — preenchidos em apenas 9,5% dos casos — mostram predominância de donas de casa (16,9%), desempregadas (12,7%) e trabalhadoras do setor de serviços e comércio (11,3%), perfil que sugere forte inserção em trabalhos informais ou precários, frequentemente associados à dependência financeira e maior vulnerabilidade.

Os resultados reforçam que a violência letal contra mulheres em Salvador não é homogênea, mas concentrada em microterritórios de exclusão histórica, como Subúrbio/Ilhas e Liberdade/São Caetano, e que afeta de forma desproporcional mulheres negras. Por isso, as respostas precisam ser interseccionais e territorializadas (França *et al.*, 2025), com melhorias na notificação de variáveis sociodemográficas, formação de profissionais para reconhecer o racismo institucional e políticas estruturais que articulem raça, classe e gênero. Como sintetizam Dias *et al.* (2025), em Salvador os números deixam claro que ser mulher e negra ainda é um fator de risco, o que exige transformações profundas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo evidenciou desigualdades territoriais e raciais significativas na distribuição dos homicídios e feminicídios em Salvador entre 2016 e 2024, contemplando os objetivos da pesquisa. Os resultados apontaram que áreas socioeconomicamente vulneráveis apresentaram as maiores taxas de violência letal contra mulheres, enquanto regiões de maior poder aquisitivo registram menores índices. A análise revelou ainda uma disparidade racial, constando que mulheres negras são as principais vítimas.

É crucial reconhecer as limitações do estudo. A pesquisa sofreu com a incompletude das informações, especialmente da variável raça/cor, que estava disponível em apenas 10% dos casos. Essa subnotificação dificulta a análise mais aprofundada da dimensão racial da violência. Além disso, possíveis vieses de seleção e subnotificação geral podem afetar a representatividade dos dados, ainda, este trabalho foi desenvolvido com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) e em parceria com a Polícia Civil do Estado da Bahia (PCBA), que forneceu acesso aos dados.

REFERÊNCIAS

- BULLARD, R. D. (ed.). **The quest for environmental justice: human rights and the politics of pollution**. 1st ed ed. San Francisco: Sierra Club Books, 2005.
- DANTAS, R. F. "Espacialidade da Violência no Território Urbano", **Formação (Online)**, v. 29, n. 54, p. 51–81, 18 mar. 2022. DOI: 10.33081/formacao.v29i54.8287.
- DIAS, A. K., SANT'ANA, J. C. F., VELOSO, C. S. M. "Feminicídio de mulheres negras no Brasil: a intersecção entre o racismo estrutural e a violência de gênero", **Revista Brasileira de Estudos Jurídicos**, v. 19, n. 2, p. 1–11, 1 jun. 2025.
- FILGUEIRA, A. L. DE S. Racismo ambiental, cidadania e biopolítica: considerações gerais em torno de espacialidades racializadas. **Ateliê Geográfico**. 22 out. 2021.
- FRANÇA, M., DUQUE, D., NASCIMENTO, F., *et al.* "DISPARIDADES RACIAIS DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO BRASIL", **Revista Brasileira de Segurança Pública**, v. 19, n. 2, p. 286–309, 31 ago. 2025. DOI: 10.31060/rbsp.2025.v19.n2.2096.
- HIRATA, H.. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, v. 26, n. 1, p. 61–73, jan. 2014.
- GOMES, A. L., PINTO, N. M. de A., FIÚZA, A. L. de C., *et al.* "Violência urbana em contextos de desigualdade socioeconômica", **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, v. 42, n. 2, p. 239–266, 6 dez. 2021. DOI: 10.5433/1679-0383.2021v42n2p239.
- JESUS, V. DE . "Racializando o olhar (sociológico) sobre a saúde ambiental em saneamento da população negra: um continuum colonial chamado racismo ambiental", **Saú. e Socied.**, v. 29, n. 2, p. e180519, 2020.
- RUOTTI, C.; MASSA, V.C.; PERES, M.F.T. Vulnerability and violence: a new conception of risk for the study of youth homicides. **Interface - Comunic., Saude, Educ.**, v.15, n.37, p.377-89, abr./jun. 2011.
- TORRES, J.; RODRIGUES, R.; Mapa deixa clara a concentração de homicídios em bairros pobres. **Correio**, 22 maio 2012, disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/salvador/mapa-deixa-clara-a-concentracao-de-homicidios-em-bairros-pobres-0512>.